

EXERCITANDO O OFÍCIO DOCENTE

Eduardo Jardim

Entrevistado por Ilda Lopes Rodrigues da Silva¹

Apresentação

Eduardo Jardim de Moraes é professor associado do Departamento de Filosofia da PUC-Rio desde 1973, dedicando-se ultimamente ao ensino na Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Filosofia. Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983), com Pós-Doutorado na Universidade de Erlangen-Nurnberg de Friedrich – Alexander, Alemanha (1987), encontrou em Hannah Arendt um campo fértil para suas reflexões. Ao longo de sua caminhada orientou dissertações e teses voltadas para o pensamento arendtiano e, entre suas publicações, pode-se destacar: “A duas vozes: Hannah Arendt e Octavio Paz” (livro, no prelo), “*Hannah Arendt: Diálogos, reflexões, memórias*” livro organizado em conjunto com Newton Bignotto (2001), no qual também apresenta o ensaio “*Hannah Arendt – Filosofia e política*”; e o capítulo intitulado “A recepção da obra de Hannah Arendt no Brasil” publicado no livro “*Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*” organizado por Mônica Grin e Nelson H. Vieira (2004). Participou como conferencista na abertura do **Seminário Diálogos com Hannah Arendt – Espaço Público e Política**, organizado pelo Departamento de Serviço Social da PUC-Rio em 30 de outubro de 2006.

¹ Professora associada do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Entrevista

Ilda: Quem foi Hannah Arendt?

Eduardo Jardim: A pergunta está formulada em moldes bastante arendtianos, já que indaga a respeito de *quem* foi Hannah Arendt, isto é, pergunta sobre a pessoa de Hannah Arendt e não sobre a autora de livros, a professora ou a conferencista. É apenas na vida de cada um de nós que o *quem* se manifesta. Já que não a conhecemos pessoalmente, a vida de Hannah Arendt pode ser abordada na extensa correspondência que manteve com seus amigos Heidegger, Karl Jaspers, Mary McCarthy, entre outros, e com o marido, Heinrich Blücher. Uma parte importante dessa correspondência já se encontra traduzida. A vida de uma pessoa também pode ser narrada na forma de uma biografia. Existem algumas boas biografias de Hannah Arendt, como a de Elizabeth Young-Bruehl (*Por amor ao mundo*). No meu livro *A duas vozes* apresentei, no final, uma curta biografia que fornece algumas informações básicas. Hannah Arendt viveu o século XX, marcado por importantes transformações e grandes desastres. Sua obra refletiu, de modo muito vivo, esse contexto. Apenas para ilustrar, seu primeiro livro – *Origens do totalitarismo* – (1951) foi uma reação aos acontecimentos que ela presenciou com horror – o nazismo e os campos de extermínio, de que tomou conhecimento em 1943. Hannah Arendt é, também, a escritora brilhante que podemos encontrar em seus livros e ensaios. Mas aí já não falamos de *quem* ela foi, mas da obra que realizou. Por motivos parecidos, Hannah Arendt não gostava de ser identificada como mulher ou como judia. Esses são tratamentos que reificam a personalidade de alguém. Essas reificações, que reduzem o *quem* a um *quê*, terminam por desconsiderar a singularidade de cada ser humano.

Ilda: O que o motivou a estudar o pensamento arendtiano?

Eduardo Jardim: Comecei a ler Hannah Arendt com um grupo de amigos da PUC, nos anos 1980, filósofos e historiadores. Vivíamos um momento de muita perplexidade no plano político. Já tínhamos nos dado conta de que nossas antigas convicções, inspiradas em um difuso esquerdismo, não serviam mais para nada. Ao mesmo tempo não queríamos deixar de valorizar e discutir a questão da dignidade da política. Hannah Arendt ajudou a formular uma crítica consistente dos nossos preconceitos e também propôs uma fascinante visão da vida política, sobretudo em *A*

condição humana. Para os historiadores havia, ainda, a enorme contribuição da crítica arendtiana das filosofias da história formuladas nos séculos XVIII e XIX, que ainda eram a principal referência. Mais tarde, descobrimos a obra mais filosófica de Hannah Arendt – *A vida do espírito*. Então, nos entusiasmos com o modo como a autora fez a revisão dos principais momentos da tradição da filosofia e com sua compreensão da atividade do pensamento.

Ilda: No mundo de hoje em que a violência está presente em diferentes sociedades, que categorias arendtianas podem ser tomadas como significativas numa agenda política?

Eduardo Jardim: Hannah Arendt nunca pretendeu definir qualquer agenda política. Para ela, a política era o assunto de muitos e não de teóricos ou profissionais da política. Ela pretendeu, em sua obra, exclusivamente, apresentar exercícios de pensamento, como ela define no prefácio de *Entre o Passado e o Futuro*. Claro que os livros de Hannah Arendt motivam a reflexão e o questionamento, coisas muito importantes para a formulação de juízos políticos. O tema da violência foi tratado por Hannah Arendt em um texto de 1969, *Sobre a violência*. Era uma época em que muitos intelectuais faziam o elogio do uso da violência para fins políticos. É claro que Hannah Arendt discordava radicalmente desta posição. O argumento central do texto – que tem como base as distinções propostas em *A condição humana* das atividades do labor, trabalho e ação – é de que a violência não pode fazer parte da política porque ela tem uma natureza instrumental e a política não é, em absoluto, um instrumento. A violência é um meio a que se recorre para atingir um determinado objetivo. Já a política, propriamente, não apresenta objetivos. É ação. Tem mais a ver com as artes performáticas do que com as artes produtivas. O propósito principal de *A condição humana* foi distinguir a atividade do trabalho e a da ação. Já que a violência é um aspecto do trabalho – o destruir e o construir são duas faces de um mesmo processo – ela nunca pode ser considerada um componente da política.

Ilda: Como compreende, no pensamento arendtiano, a esfera pública enquanto lugar da ação política? Espaço público e política – temas do Seminário.

Eduardo Jardim: Hannah Arendt examinou as atividades que compõem a vida ativa – a ação, o trabalho e o labor – na parte central do livro *A*

condição humana. A descrição de cada uma destas atividades articula-se com alguns conceitos expostos nas primeiras páginas do livro. Entre eles destacam-se: esfera privada, esfera pública e sociedade. São conceitos que dizem respeito à localização daquelas atividades. O labor é, com certeza, a mais privada das atividades. Ele esteve circunscrito na Antiguidade ao âmbito doméstico, onde acontece tudo que é necessário para a reprodução e a manutenção da vida do homem como espécie. Os gregos chamavam este lugar de proteção de *óikos*, palavra que deu origem a “economia”. Também a atividade do trabalho não necessita acontecer publicamente. Lembremos do isolamento do artesão ou do artista no seu ateliê ou na sua oficina, preocupado unicamente em fazer a sua obra. É verdade que o resultado do trabalho – obra – perdura depois do término do processo que o criou e vai ocupar um lugar no mundo. Mas o processo em si mesmo não precisa aparecer. Apenas a ação é uma atividade que se realiza na esfera pública. Se é justamente no contexto da ação que os homens se destacam como seres singulares, será preciso que esta singularidade seja reconhecida em um ambiente público e habitado por vários homens, isto é, plural. Apenas na medida em que aparecem, isto é, são iluminados pela luz da publicidade, os homens alcançam sua dignidade como seres singulares. Ora, a ação é a matéria de que a política é feita. Foi pela via de uma fenomenologia da ação que Hannah Arendt alcançou a compreensão da política.

Ilda: A que atribui o interesse crescente por Hannah Arendt nas áreas das Ciências Humanas e Sociais?

Eduardo Jardim: Estávamos intelectualmente paralisados por formas de pensar muito rígidas que já tinham perdido o vigor. Podemos designar o modo de pensar de Hannah Arendt do mesmo modo como ela se referiu à figura de Sócrates. Para Sócrates, o pensamento é como o vento que não é visível, mas tira tudo do lugar. Quem sabe começamos a aprender a estar expostos ao vento do pensamento!

Ilda: Para quem pretende estudar o pensamento de Hannah Arendt que itinerário literário recomendaria?

Eduardo Jardim: A própria Hannah Arendt, quando foi indagada sobre a publicação de seus livros no Brasil, sugeriu que se começasse por *Entre*

o Passado e o Futuro. Trata-se de uma coletânea de ensaios sobre diversos temas – a crise da tradição e da autoridade política, o conceito de história, a educação, a cultura e o desenvolvimento da técnica na atualidade – e contém um importantíssimo estudo sobre a noção de liberdade. *A Condição Humana* também pode ser um bom começo. Certamente, é a contribuição mais original e relevante para a filosofia e a teoria política. O quinto capítulo do livro – sobre a ação – é indispensável. Também o sexto capítulo com a apresentação da posição das diversas atividades da vida ativa na Era Moderna é muito importante. Já existem bons livros sobre Hannah Arendt em português, inclusive a biografia a que me referi, com informações muito importantes. Quem quiser começar pela *Vida do espírito*, a última obra, incompleta, sobre o pensamento, a vontade e o juízo, deve iniciar pela parte dedicada ao pensamento. Um livro fascinante é *Homens em Tempos Sombrios*, que faz o retrato de várias personalidades do século XX – Jaspers, Brecht, Walter Benjamin, Rosa Luxemburgo, Papa João XXIII e outros. É primorosamente escrito, dá uma idéia das afinidades de Hannah Arendt e é um convite para se introduzir em outros textos.